

# CORPO INSURGENTE: VIOLÊNCIA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM “ARAMIDES FLORENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Andressa Camilo Querino<sup>1</sup>

**Resumo:** A literatura latino-americana contemporânea de autoria feminina negra constitui espaço de denúncia e elaboração das violências produzidas pelo racismo e pelo patriarcado. Este artigo analisa as relações entre violência, memória e resistência no conto “Aramides Florença”, de Conceição Evaristo. O objetivo é compreender como o corpo feminino negro se configura como espaço de inscrição da violência e, simultaneamente, como território de memória e reconstrução subjetiva. A pesquisa é bibliográfica, qualitativa e interpretativa, com base em Lugones (2020), Gonzalez (1984), Orlandi (2007), Jelin (2002), hooks (2019) e Evaristo (2005; 2020; 2023). A análise evidencia uma progressão de práticas de controle que culmina na violência sexual durante a amamentação. A sobrevivência, o vínculo com o filho e a narração do vivido, contudo, reposicionam Aramides como sujeito de sua história.

Palavras-chave: Corpo feminino negro. Violência. Memória. Resistência. Escrevivência.

## INSURGENT BODY: VIOLENCE, MEMORY AND RESISTANCE IN “ARAMIDES FLORENÇA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

**Abstract:** Contemporary Latin American literature by black women provides a space for denouncing and elaborating forms of violence produced by racism and patriarchy. This article analyzes the relations between violence, memory and resistance in Conceição Evaristo’s short story “Aramides Florença”. It aims to understand how the black female body becomes a site where violence is inscribed and, simultaneously, a territory of memory and subjective reconstruction. The study is bibliographical, qualitative and interpretative, drawing on Lugones (2020), Gonzalez (1984), Orlandi (2007), Jelin (2002), hooks (2019) and Evaristo (2005; 2020; 2023). The analysis identifies a progression of controlling practices that culminates in sexual violence during breastfeeding. Nevertheless, survival, the preserved bond with the child and the narration of the experience reposition Aramides as the subject of her own story.

Keywords: Black female body. Violence. Memory. Resistance. Escrevivência.

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), E-mail: camiloandressa23@gmail.com. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9835171187340416>.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura latino-americana contemporânea de autoria feminina negra ocupa um espaço significativo na representação de experiências historicamente marginalizadas. Nessas produções, a escrita possibilita a elaboração das violências que atravessam a existência das mulheres e constitui uma prática de memória, denúncia e afirmação subjetiva. As narrativas questionam representações que historicamente associaram os corpos negros à servidão, à sexualização, ao silenciamento e à disponibilidade, construindo personagens dotadas de densidade afetiva, consciência e capacidade de interpretar o vivido.

A obra de Conceição Evaristo integra esse movimento por articular memória, cotidiano e crítica social. Seus textos evidenciam a relação entre acontecimentos individuais e estruturas que produzem condições desiguais de vulnerabilidade. Racismo, sexismo e violência doméstica não aparecem como fenômenos independentes, mas como dimensões interligadas que interferem nos modos de viver, sentir, recordar e narrar. A escrevivência, conceito desenvolvido pela autora, permite compreender essa elaboração literária como uma prática que emerge das experiências de mulheres negras e as inscreve no campo da produção de conhecimento.

A coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2023) reúne relatos de personagens que confiam suas histórias a uma narradora-ouvinte. A organização dos contos aproxima memória, oralidade e escrita, pois as trajetórias chegam ao leitor por meio de um processo de escuta e transmissão. O título da obra anuncia uma tensão central: as *lágrimas* preservam a dimensão da dor, enquanto o adjetivo *insubmissas* impede que o sofrimento seja confundido com resignação. As personagens carregam marcas profundas, porém não permanecem completamente definidas por elas.

No conto “Aramides Florença”, essa tensão manifesta-se na trajetória de uma mulher que sofre violência física, psicológica e sexual no interior de uma relação afetiva. A gravidez e o nascimento do filho, inicialmente associados à realização familiar, tornam-se períodos em que a possessividade do companheiro se intensifica. O corpo materno, responsável pela gestação, pela amamentação e pela preservação da vida, passa a ser tratado pelo homem como um território que deveria permanecer submetido ao seu domínio. A violência culmina na agressão sexual praticada enquanto Aramides amamenta Emildes, cena que articula maternidade, posse e objetificação.

A narrativa, contudo, não se inicia pelo ato violento. A primeira imagem apresenta Aramides sentada com o filho no colo, quase um ano depois da partida do companheiro. A protagonista encontra-se em um tempo posterior à violência, preserva o vínculo com Emildes e consegue relatar o que viveu. Essa escolha estrutural antecipa que o conto não se organiza somente em torno da brutalidade sofrida, visto que a sobrevivência, a memória e a enunciação também participam da constituição da personagem.

Diante disso, este artigo investiga de que maneira o corpo feminino negro é representado em “Aramides Florença” como espaço de inscrição da violência e, simultaneamente, como território de memória e reconstrução subjetiva. O objetivo consiste em analisar a progressão das práticas de controle exercidas sobre Aramides e compreender como a elaboração da memória, a escuta e a circulação da palavra contribuem para seu reposicionamento como sujeito.

Parte-se da hipótese de que o conto constrói dois movimentos complementares. O primeiro evidencia a transformação do corpo materno em objeto de controle, mediante sinais de ameaça que se tornam progressivamente mais intensos. O segundo desloca a personagem da posição de silenciamento para a de enunciação,

pois a retomada dos acontecimentos permite que ela identifique a lógica de posse presente na relação e produza sentidos sobre o vivido.

A pesquisa possui caráter bibliográfico, qualitativo e interpretativo e desenvolve uma análise discursivo-literária do conto. A fundamentação mobiliza o conceito de colonialidade de gênero, de María Lugones (2020), e as reflexões de Lélia Gonzalez (1984) sobre a articulação entre racismo e sexismo. A discussão acerca do silêncio dialoga com Eni Orlandi (2007), enquanto a memória é compreendida a partir de Elizabeth Jelin (2002). O conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo (2005; 2020), permite relacionar a experiência singular da personagem à memória coletiva das mulheres negras. As contribuições de bell hooks (2019) auxiliam na reflexão sobre representação e reconstrução da subjetividade.

## **2. CORPO MATERNO, VIOLÊNCIA E DOMINAÇÃO**

### **2.1 Da harmonia aparente à inscrição da violência no corpo**

A abertura do conto estabelece uma relação entre maternidade, reconhecimento e escuta. A narradora apresenta Aramides como “minha igual” (Evaristo, 2023, p. 9), expressão que sugere proximidade entre as duas mulheres. A história não é apresentada de maneira neutra, pois a voz responsável por transmiti-la reconhece na personagem uma existência que merece acolhimento e preservação.

Aramides aparece sentada com Emildes no colo e o nomeia como “minha criança” e “meu bem-amado” (Evaristo, 2023, p. 9). A primeira imagem da protagonista não é a de uma mulher submetida à violência, mas a de alguém que cuida, alimenta e protege. Essa composição torna mais intenso o contraste com

as cenas posteriores, nas quais o corpo associado à nutrição e ao afeto se converte em alvo da dominação masculina.

A materialidade desse vínculo se salienta quando a narrativa afirma que Aramides buscava ser o alimento do filho e que, “literalmente, era” (Evaristo, 2023, p. 10). O advérbio reforça que o corpo materno constitui o primeiro espaço de sobrevivência da criança. O leite não funciona apenas como referência biológica, pois simboliza continuidade, entrega e preservação da vida. A relação será profundamente tensionada quando o companheiro interromper a amamentação e transformar o seio materno em objeto de violência.

Outro recurso relevante é a ausência de nome do companheiro. A narradora o conhece apenas pelas expressões “o pai de Emildes” e “o pai de meu filho” (Evaristo, 2023, p. 10). Essa escolha impede que a identidade masculina ocupe o centro da história e preserve a perspectiva de Aramides. O homem é definido pela função paterna que deveria exercer, mas sua conduta contradiz a proteção associada à paternidade, pois ele introduz a ameaça no espaço familiar.

A ausência de nome também produz uma generalização simbólica. A violência não é apresentada como resultado de um desentendimento circunstancial, visto que se desenvolve a partir de uma concepção patriarcal segundo a qual o corpo da companheira deveria permanecer disponível à vontade masculina. A personagem encarna, dessa forma, relações de posse e de controle que ultrapassam sua individualidade.

A descrição da gestação feliz contribui para a progressão narrativa. O conto informa que Aramides tivera uma gravidez tranquila e que a vida seguia conforme as expectativas do casal (Evaristo, 2023, p. 11). O cenário inicial de harmonia impede uma leitura que situe a violência apenas em relações evidentemente conflituosas. Os primeiros sinais surgem dentro

de uma convivência aparentemente estável e demonstram que a violência doméstica pode instalar-se de maneira gradual e dissimulada.

O primeiro episódio ocorre quando Aramides se fere em uma lâmina deixada sobre a cama. Ela sente uma dor intensa e percebe um filete de sangue escorrendo do ventre. O aparelho de barbear, objeto banal, adquire dimensão ameaçadora porque ocupa o lugar destinado ao descanso e à intimidade. A cama deixa de representar segurança e passa a constituir espaço de perigo.

O local atingido amplia o sentido da cena. A lâmina fere o ventre em que a criança está sendo gerada e introduz a ameaça no espaço corporal associado à vida e à continuidade. O sangue rompe a imagem da gravidez feliz e anuncia que a violência do companheiro também incide sobre o vínculo materno que transforma a relação de Aramides com o próprio corpo.

A ambiguidade intensifica o controle psicológico. O homem não assume responsabilidade e apresenta explicações vagas, deixando Aramides entre a suspeita e a tentativa de acreditar em um acidente. A violência ainda não pode ser plenamente nomeada, mas já interfere na percepção da personagem e na confiança que sustentava a relação. A ameaça se torna eficaz porque não depende somente do ato consumado, mas da incerteza que passa a ocupar o cotidiano.

O segundo episódio aprofunda esse processo. Aramides contempla as mudanças do corpo diante do espelho e demonstra encantamento com a gravidez. A aproximação do companheiro, inicialmente percebida como possível gesto de carinho, transforma-se em dor quando ele apaga o cigarro sobre seu ventre. A narrativa registra o odor de carne queimada, aproximando o leitor da materialidade da agressão e da ruptura da expectativa afetiva.

O toque, antes associado à intimidade, converte-se em instrumento de violência. O perigo não se encontra fora da relação, pois se instala nos gestos que anteriormente representavam cuidado. A presença do espelho acrescenta outra camada à cena: Aramides vê o homem pelo reflexo, como se a violência fosse percebida de modo indireto. A imagem antecipa um processo de reconhecimento que somente se completa quando ela reorganiza os episódios pela memória.

A aparente restauração da harmonia após o nascimento de Emildes não elimina as marcas anteriores. A expressão “Sagrada a família!”, repetida pelo companheiro (Evaristo, 2023, p. 15), adquire efeito irônico, já que a família celebrada foi atravessada pela lâmina, pela queimadura e pelo medo. A sacralização funciona como máscara discursiva que encobre a violência inscrita no corpo da personagem.

A narrativa afirma que a dor e a ardência foram empurradas para a “deslembração” (Evaristo, 2023, p. 15). O termo não significa que Aramides tenha esquecido o ocorrido, pois as marcas permanecem no corpo e interferem em sua relação com o companheiro. A deslembração corresponde a uma tentativa precária de afastar sinais incompatíveis com o ideal de estabilidade familiar. Trata-se de um esquecimento buscado e não alcançado.

Essa representação se relaciona às reflexões de Orlandi (2007), para quem o silêncio não equivale à ausência de sentidos. Aquilo que não é nomeado participa da constituição do discurso e revela condições históricas que delimitam o que pode ser dito. Aramides percebe a ameaça antes de conseguir formulá-la plenamente. O corpo registra aquilo que a linguagem ainda não organiza, e as sensações de medo, dor e inquietação antecedem o reconhecimento da violência como parte de um mesmo processo.

A experiência da protagonista também pode ser lida a partir da articulação entre racismo

e sexismo discutida por Gonzalez (1984). Mulheres negras são atingidas por formas específicas de subalternização produzidas pela atuação conjunta das hierarquias raciais e de gênero. A violência sofrida por Aramides ocorre no espaço doméstico, mas remete a estruturas que historicamente associaram o corpo feminino negro ao trabalho, à exploração, à sexualização e ao controle.

Lugones (2020) amplia essa discussão por meio do conceito de colonialidade de gênero. A organização moderna e colonial do poder instituiu classificações raciais e sexuais que distribuíram humanidade, autoridade e reconhecimento de forma desigual. O conto não apresenta uma explicação teórica explícita sobre essa estrutura, porém constrói literariamente seus efeitos na intimidade. A conduta do companheiro se apoia em uma lógica que associa masculinidade à posse e interpreta a autonomia feminina como ameaça.

## 2.2 Maternidade, posse e objetificação

A maternidade intensifica o conflito porque o corpo de Aramides passa a desempenhar uma função que não se organiza em torno do desejo masculino. Emildes ocupa o centro de seus cuidados, e o companheiro reage como se tivesse perdido um direito de exclusividade. Essa lógica aparece na pergunta sobre quando ela voltaria a ser “dele, só dele” (Evaristo, 2023, p. 15). A formulação transforma a mulher em propriedade e apresenta a maternidade como interrupção de uma posse supostamente garantida.

A reação de Aramides é marcada por um “silêncio sem lugar” (Evaristo, 2023, p. 16). A expressão revela que a personagem ainda não dispõe de uma resposta capaz de organizar o desconforto provocado pela pergunta. O silêncio não significa concordância, pois registra a percepção de uma ameaça que ainda não

encontra forma discursiva estável.

A transformação do olhar masculino também antecipa a violência sexual. O olhar antes percebido como caloroso passa a incomodar e assume a aparência de uma mirada que pretende agarrá-la à força. A ameaça se manifesta antes do contato físico e modifica a maneira como Aramides experimenta a presença do companheiro. Seu corpo reconhece o perigo por meio do olhar, da aproximação e da tensão instalada no ambiente.

O processo culmina na cena em que o homem retira Emildes dos braços da mãe e violenta Aramides durante a amamentação. A interrupção do gesto materno atinge simultaneamente o corpo da mulher, o vínculo com o filho e sua condição de sujeito. O seio, anteriormente associado ao alimento, é transformado em alvo da agressão. A violência invade um espaço corporal organizado pelo cuidado e tenta submetê-lo à vontade do companheiro.

A oposição entre leite e sangue intensifica a dimensão simbólica da cena. Enquanto um dos seios é ferido, o leite continua a sair do outro. Os dois fluxos corporais permanecem próximos, mas carregam sentidos distintos: o leite remete à continuidade, à nutrição e à preservação da criança; o sangue registra a violação, a dor e a brutalidade. A justaposição mostra que a violência patriarcal incide precisamente sobre o corpo responsável por sustentar a vida.

A presença de Emildes amplia a gravidade ética do episódio. A criança é colocada no berço e chora enquanto a mãe é violentada. Embora não disponha de linguagem articulada para narrar o que ocorre, o choro funciona como resposta corporal à ruptura do espaço de proteção. A violência interfere na relação entre mãe e filho e transforma o ambiente doméstico em lugar de ameaça.

A expressão utilizada pela protagonista

sintetiza o processo de objetificação: “esse homem estava me fazendo coisa dele” (Evaristo, 2023, p. 18). A escolha do substantivo revela que o companheiro desconsidera sua vontade, sua maternidade e sua humanidade. Aramides deixa de ser reconhecida como pessoa e passa a ser tratada como objeto apropriável. A violência sexual envolve, portanto, uma tentativa de anulação subjetiva, além da imposição física.

A frase também marca um deslocamento importante. No momento em que narra o episódio, Aramides identifica a lógica que organizava os acontecimentos anteriores. A lâmina, o cigarro, o olhar, a pergunta possessiva e a violência sexual deixam de parecer fatos dispersos e passam a compor uma sequência de controle. A protagonista reconhece que o companheiro pretendia transformá-la em propriedade.

A fala final do homem confirma essa interpretação, pois ele afirma que não a queria mais porque ela já não havia sido dele como antes. A maternidade é percebida como perda de exclusividade, e a violação surge como tentativa extrema de restaurar uma posse imaginada. O ato não resulta da ausência de desejo, mas da recusa em reconhecer que Aramides possui autonomia e relações afetivas que não se subordinam ao companheiro.

A narrativa demonstra que a violência doméstica constitui um processo progressivo. Os primeiros sinais aparecem como acontecimentos ambíguos, possíveis acidentes ou gestos isolados. A repetição revela uma estrutura organizada pela ameaça, pelo controle e pela possessividade. Mecanismos psicológicos desestabilizam a percepção da personagem antes da manifestação mais brutal da violência física e sexual.

A corporeidade feminina negra se converte em território político porque nela se inscrevem relações sociais mais amplas. A experiência de Aramides não pode ser reduzida a um conflito conjugal, uma vez que expressa uma

lógica patriarcal e racializada que historicamente objetificou mulheres negras. A articulação entre gênero e raça determina condições específicas de vulnerabilidade, invisibilidade e dificuldade de enunciação.

Essa possibilidade de elaboração desloca a análise das formas de dominação para o papel da memória e da palavra na reconstrução subjetiva de Aramides.

### **3 MEMÓRIA, ESCRIVIVÊNCIA E RECONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

#### **3.1 A elaboração do vivido e a passagem do silêncio para a palavra**

A resistência da personagem não assume a forma de confronto físico, vingança ou ruptura espetacular. Ela se manifesta na continuidade da vida, na preservação do vínculo com Emildes e na capacidade de organizar o vivido como relato. A personagem não retorna intacta da violência, porém encontra condições para interpretar o passado e impedir que a perspectiva do agressor determine completamente sua imagem.

A narrativa organiza os acontecimentos de maneira retrospectiva. Antes da apresentação dos episódios violentos, o leitor encontra Aramides em um tempo posterior, sentada com o filho e recebendo a narradora em sua casa. Quase um ano se passou desde a partida do companheiro. A escolha temporal mostra que a personagem permanece viva e ocupa novamente o espaço doméstico, agora afastado da presença daquele que o transformara em lugar de ameaça.

A cena inicial não apaga a violência, mas impede que ela seja o único princípio de definição da protagonista. Aramides aparece como mãe, anfitriã, interlocutora e sujeito de memória. Sua existência não começa no ato narrado nem termina nele. O conto apresenta uma posição a partir da qual os acontecimentos podem ser revisitados e compreendidos.

A maternidade participa desse processo sem funcionar como idealização ou salvação plena. O vínculo com Emildes permanece apesar da violência, assim como o corpo materno, embora marcado pela lâmina, pela queimadura e pela agressão sexual, continua associado à nutrição, ao feto e à continuidade. A resistência, portanto, não elimina o trauma, mas se constrói em uma existência que permanece atravessada por ele.

Jelin (2002) compreende a memória como trabalho realizado no presente. O passado não retorna de maneira neutra ou integral, visto que é selecionado, interpretado e reorganizado por sujeitos que buscam atribuir sentido às próprias experiências. A memória envolve silêncios, disputas e reconstruções, permitindo que os acontecimentos adquiram significados diferentes daqueles disponíveis no momento em que ocorreram.

Essa perspectiva auxilia na leitura do relato de Aramides. No presente da narração, a personagem consegue reunir acontecimentos anteriormente percebidos de forma fragmentada e reconhecer neles uma mesma lógica de posse. A memória, portanto, não constitui repetição passiva do sofrimento, mas produz inteligibilidade sobre o vivido.

A afirmação “esse homem estava me fazendo coisa dele” (Evaristo, 2023, p. 18) representa o ponto em que a protagonista nomeia o processo de objetificação. A frase transforma uma experiência inicialmente fragmentada em interpretação. Aramides reconhece que a violência não pretendia apenas causar dor, mas reduzir sua condição de sujeito e restaurar uma suposta propriedade masculina sobre seu corpo.

A passagem do silêncio para a palavra constitui, nesse sentido, uma forma de resistência. Orlandi (2007) demonstra que o silêncio integra a produção de sentidos e resulta das condições históricas e ideológicas que regulam o dizer. Experiências de violência podem permanecer

silenciadas porque encontram barreiras sociais, afetivas e discursivas para sua enunciação, e não porque sejam desprovidas de significado.

O “silêncio sem lugar” (Evaristo, 2023, p. 16) instalado entre Aramides e o companheiro demonstra esse conflito. A personagem percebe que a pergunta sobre voltar a ser dele contém uma ameaça, mas ainda não encontra posição segura para responder. O silêncio registra a tensão entre aquilo que o corpo reconhece e aquilo que ainda não pode ser formulado.

Na cena de escuta, a situação se modifica. Aramides fala em um espaço afastado do agressor e diante de uma mulher que acolhe sua palavra. O relato permite retomar o não dito e reconhecer a violência antes dissimulada. Falar não desfaz as marcas, mas impede que a experiência permaneça restrita ao segredo doméstico e à interpretação imposta pelo companheiro.

A oralidade recebe atenção na composição narrativa. Em determinada passagem, Aramides pronuncia as palavras pausadamente e enfatiza o sentido da frase. O ritmo da voz participa da elaboração do vivido. Pausas, entonações e repetições revelam que a memória é transmitida pelo conteúdo dos acontecimentos e pelo modo como a personagem consegue dizê-los.

A narração não representa recuperação completa ou definitiva. O trauma não é resolvido pela palavra, e o conto não propõe uma superação integral. A fala produz outra relação com o passado porque permite que Aramides ocupe a posição de quem interpreta, seleciona e organiza os acontecimentos.

Essa possibilidade se aproxima da reflexão de hooks (2019) sobre a necessidade de transformar as formas de representação das pessoas negras. A resistência envolve a construção de imagens e discursos nos quais sujeitos historicamente objetificados possam apresentar-se como consciência, humanidade e capacidade criadora. Aramides rompe simbolicamente a

redução à condição de coisa quando produz sentidos sobre aquilo que lhe foi imposto.

### **3.2 Narradora-ouvinte, escrevivência e insubmissão**

A elaboração da experiência depende da presença de uma escuta. Aramides não fala no vazio, pois sua história é confiada a uma narradora que a reconhece, acolhe e transmite. A narradora-ouvinte participa da preservação da memória quando transforma o relato individual em narrativa compartilhada.

A expressão “minha igual” (Evaristo, 2023, p. 9) estabelece o princípio dessa relação. A igualdade não significa que as duas mulheres tenham vivido experiências idênticas, mas indica que a narradora reconhece em Aramides uma existência marcada por condições sociais que não lhe são indiferentes. A escuta não se funda na curiosidade diante do sofrimento alheio, e sim em uma relação de proximidade e responsabilidade.

Essa estrutura evita que a violência seja convertida em espetáculo. O conto não expõe o corpo da personagem a um olhar distante interessado somente na brutalidade. A narrativa apresenta a voz de Aramides, suas hesitações, interpretações e escolhas no processo de organizar a própria história. A experiência não é retirada de sua posse para ser explicada exclusivamente por uma autoridade externa.

A narradora exerce uma função mediadora, pois escuta, registra e faz circular a fala, criando uma ponte entre a memória da personagem e o leitor. O relato íntimo adquire dimensão coletiva quando deixa o espaço doméstico e ingressa no campo literário. A violência anteriormente submetida ao segredo se transforma em denúncia de uma condição social mais ampla.

O conceito de escrevivência contribui

para compreender esse processo. Evaristo (2005) relaciona a escrita à memória das mulheres, às histórias ouvidas e às experiências inscritas no cotidiano. A palavra literária emerge de uma rede de vozes e não de uma subjetividade isolada. Em reflexão posterior, a autora afirma que a escrevivência parte de experiências específicas, mas alcança histórias de uma coletividade (Evaristo, 2020).

A escrevivência não corresponde a uma transposição automática da vida para o texto. Ela envolve elaboração estética e construção ficcional, preservando um compromisso com existências historicamente desconsideradas pelas narrativas dominantes. Em “Aramides Florença”, a experiência singular da protagonista remete a formas recorrentes de controle e silenciamento impostas às mulheres negras, sem perder sua particularidade.

A passagem da voz individual para a escrita impede o apagamento da história. Aramides fala, a narradora escuta e a literatura preserva. Essa circulação transforma o relato em memória compartilhada e produz conhecimento sobre relações de poder que atravessam o corpo feminino negro.

A corporeidade da protagonista funciona como arquivo sensível. O corpo conserva vestígios físicos e afetivos do vivido, como a ferida da lâmina, a queimadura e as lembranças da violência sexual. Essas marcas não permanecem apenas como provas do sofrimento, pois participam da reconstrução narrativa e se tornam pontos a partir dos quais Aramides interpreta sua trajetória.

O corpo registra aquilo que inicialmente não pôde ser plenamente dito. Posteriormente, a palavra reorganiza o que permaneceu inscrito na carne. Memória corporal e enunciação se articulam, já que o relato nasce das sensações, das marcas e das reações que acompanharam os acontecimentos. O corpo se torna suporte de lembrança e produção de sentidos. A mediação

da narradora também impede que a perspectiva do agressor detenha a palavra final sobre Aramides, pois é a interpretação da protagonista que alcança o leitor.

A resistência também se manifesta na preservação dos vínculos. O companheiro tenta destruir a relação entre mãe e filho quando interrompe a amamentação e coloca Emildes no berço. A cena inicial, no entanto, mostra a criança novamente no colo da mãe. Nesse momento, a narradora observa que o menino repetia os mesmos sons desde a partida do pai e que seu “melodioso balbúcio infantil se assemelhava a uma alegre canção” (Evaristo, 2023, p. 9). A própria narradora chega a questionar se a criança teria se rejubilado com a ausência paterna. Essa associação sugere que o afastamento do agressor possibilita a recuperação de uma atmosfera de segurança e reforça o vínculo entre mãe e filho. A organização narrativa produz, assim, uma resposta simbólica à tentativa de ruptura: a violência não consegue destruir a relação entre Aramides e Emildes, que permanece e se fortalece.

Essa permanência não significa que a maternidade resolva o trauma. O cuidado com Emildes não restitui uma vida anterior nem elimina as consequências da violência. Ele representa uma dimensão da existência que continua e permite que Aramides se reconheça para além da objetificação sofrida.

O título da obra, mais uma vez, reforça esse sentido. As lágrimas preservam a dor e impedem que a resistência seja confundida com invulnerabilidade. O adjetivo insubmissas, contudo, altera o valor simbólico do sofrimento ao indicar que a dor não conduz necessariamente à obediência ou ao desaparecimento.

No percurso de Aramides, a insubmissão se manifesta na continuidade da vida, na preservação do filho, na capacidade de receber outra mulher e na decisão de narrar. Não há vitória total sobre o trauma, mas existe

reposicionamento subjetivo. A personagem deixa de aparecer somente como objeto da ação masculina e assume a condição de sujeito de memória.

A resistência construída pelo conto é cotidiana e discursiva. Ela não elimina as estruturas de poder, mas interrompe parcialmente seus efeitos ao impedir que a violência permaneça sem nome e sem testemunho. A fala transforma uma experiência privada em memória social e revela que o espaço doméstico também é atravessado por relações históricas de gênero e de raça.

O corpo insurgente anunciado no título deste artigo não corresponde a um corpo imune à dor. Sua insurgência se encontra na permanência, na memória e na palavra. O corpo violentado não deixa de ser materno, afetivo e capaz de produzir sentidos. As marcas são reinscritas em uma narrativa que devolve à personagem a possibilidade de interpretar a própria existência.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de “Aramides Florença” demonstra que a violência sofrida pela protagonista é construída como processo gradual, marcado por ameaça, controle e possessividade. A lâmina sobre a cama, o cigarro apagado no ventre, a transformação do olhar, a pergunta possessiva sobre quando Aramides voltaria a pertencer exclusivamente ao companheiro e a violência sexual durante a amamentação constituem partes de uma mesma lógica de dominação.

O corpo materno ocupa posição central nesse processo. Inicialmente associado à gestação, à alimentação e ao cuidado, ele passa a ser interpretado pelo companheiro como território submetido à sua vontade. A maternidade rompe a exclusividade desejada pelo homem, que

reage por meio de uma tentativa de restauração da posse. A violência sexual invade o vínculo entre mãe e filho e procura reduzir Aramides à condição de objeto.

A articulação entre racismo e sexismo mostra que a experiência da personagem não pode ser compreendida somente como conflito conjugal. A objetificação do corpo feminino negro se relaciona a estruturas sociais que distribuíram reconhecimento, humanidade e autonomia de forma desigual. As contribuições de Gonzalez e Lugones permitem situar a violência doméstica em uma lógica marcada pelo patriarcado, pelo racismo e pela colonialidade.

O silêncio presente na narrativa também produz sentidos. Durante a relação, Aramides percebe sinais de ameaça, mas ainda não consegue organizá-los plenamente como violência. O corpo registra a dor antes que a palavra possa nomeá-la. No tempo da narração, a personagem reúne os episódios, reconhece a lógica de posse e transforma uma experiência fragmentada em interpretação.

A memória constitui trabalho de elaboração realizado no presente. A frase “esse homem estava me fazendo coisa dele” (Evaristo, 2023, p. 18) sintetiza esse movimento porque identifica a tentativa de objetificação e converte o relato em denúncia. A escuta da narradora amplia o processo, permitindo que a experiência individual circule como memória compartilhada.

A escrevivência articula vida, memória e criação literária e transforma a experiência narrada em intervenção estética e política. Conceição Evaristo coloca uma mulher negra no centro da narrativa e lhe atribui capacidade de recordar, interpretar e produzir sentidos sobre si. Aramides não permanece reduzida à condição de vítima, pois sua história inclui sobrevivência, maternidade preservada, escuta e enunciação.

Conclui-se que o corpo feminino negro é

representado no conto como espaço de inscrição da violência e como território de memória e resistência. As marcas não desaparecem, mas deixam de pertencer exclusivamente ao silêncio e ao domínio do agressor. Convertidas em relato, revelam a estrutura que sustentou a violência e contribuem para o reposicionamento da protagonista como sujeito.

A insurgência de Aramides não consiste em negar a dor nem em apresentar uma superação integral do trauma. Ela se manifesta na capacidade de continuar vivendo, preservar vínculos, reorganizar o passado e narrar a própria experiência. O conto reafirma a literatura como espaço de denúncia, elaboração da memória e produção de novas formas de representação das subjetividades femininas negras.

## Referências

- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2023.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero.  
*In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de  
(org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas  
decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo,  
2020.

PUCCINELLI ORLANDI, Eni. *As formas  
do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed.  
Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

**Submissão: junho de 2026**

**Aceite: agosto de 2026**